

A produção da paisagem única no Rio de Janeiro Olímpico

Clarissa da Costa Moreira¹
Leonardo Marques de Mesentier²

A noção de paisagem é objeto de reflexão dos diversos campos de reflexão acadêmicos que tomam a relação entre as sociedades humanas e seu habitat como objeto de estudo, como a geografia, a sociologia, a antropologia e as artes visuais. Este trabalho busca analisar o tema a partir de uma perspectiva urbanística, estabelecendo um diálogo com estes outros campos, sobretudo a geografia urbana, detendo-se sobre as tensões e disputas influenciando sobre a construção da paisagem urbana, decorrentes de uma grande intervenção urbana no Porto do Rio de Janeiro, e suas implicações socioculturais, num contexto onde a cidade do Rio de Janeiro passa a abrigar megaeventos de alcance global.

Qual será o lugar da paisagem urbana nestes grandes projetos de renovação urbana contemporâneos? Entre as atividades econômicas, não só os fluxos turísticos e as atividades imobiliárias tem como um de seus condicionantes a paisagem da cidade. As atividades de serviço, que formam o setor preponderante das economias das metrópoles contemporâneas, incorporam ao valor da sua produção o valor associado à imagem do lugar onde esses serviços são produzidos. O mesmo acontece com certos produtos que agregam alto teor de valor cultural, como, por exemplo, os da indústria da moda ou da manufatura do vinho. Nesses produtos o valor agregado sofre a influência da projeção, nas mídias globais, da imagem dos lugares onde estes são produzidos. O reconhecimento da paisagem como um ativo no contexto de grandes empreendimentos imobiliários e suas rápidas temporalidades, tem graves implicações sobre a vida nas cidades. Políticas urbanas passam a ter como objetivo difundir, promover, preservar e, porque não, produzir a paisagem das cidades, capazes de atrair fluxos de capitais e consumidores.

Visto que as paisagens são usadas para agregar valor a bens e serviços, como se percebe constantemente em propagandas e mesmo embalagens de produtos, parece então, necessário perguntar antes de mais nada, como isso se processa. Olhando especificamente para o mercado imobiliário, se percebe que a promoção da

¹ Doutora em Urbanismo pela Universidade Paris 1- Sorbonne, Professor Adjunto EAU/UFF

² Doutor em Urbanismo pelo IPPUR/UFRJ - Professor Adjunto EAU/UFF, arquiteto do Centro Lucio Costa, CPODEC/DAF/IPHAN.

valorização imobiliária de uma área urbana está também ligada à percepção da paisagem urbana. Uma relação de identidade, status, de atratividade ou de sedução entre a “imagem” dessa área e o público capaz de constituir a demanda efetiva à produção imobiliária nessa área é sempre trabalhada ou evocada – basta verificar outdoors e panfletos de venda, ou mesmo anúncios de aluguel e venda de imóveis. Relações entre identidade e território estão na base das escolhas, dos agentes econômicos, dos lugares de predileção de residência e consumo. O reconhecimento dessa relação leva assim ao debate sobre de que modo a gestão urbana está atuando de forma a produzir uma nova paisagem que, como fenômeno sócio cultural, seja capaz de contribuir para reestruturar as relações entre as identidades dos grupos sociais e sua localização no território. É no sentido de contribuir para o esclarecimento dessa pergunta que esse artigo se coloca, tomando como objeto de estudo o caso do Porto do Rio de Janeiro. Nesse caso específico cabe ainda perguntar concretamente, sobre essa intervenção que já está acontecendo: No que ela se inspira ou o que reproduz no imaginário coletivo? Quais são seus objetos de predileção e seus objetos a excluir, ou ocultar, e quais os impactos dessa operação sobre a cidade em sua dimensão mais complexa?

A ambivalência presente na noção de paisagem

As questões propostas no tópico anterior remetem a relação complexa entre uma formação sócio territorial, sua paisagem e o imaginário social que dela resulta, nas diferentes escalas do território (bairro, a cidade, a nação, mundo).

A noção de paisagem, expressa uma relação entre a consciência e o mundo exterior, marcada pelo sentido da visão, e se constitui em “imagem mental” e também memória. Através de processos afetivo-cognitivos passa a integrar um imaginário e um “mundo” próprio, e nesse sentido, é constitutiva de identidades e afetos no indivíduo e no grupo. A noção contém certa ambivalência dado que, na sociedade contemporânea, esta flui entre duas perspectivas dessa relação entre consciência e mundo, estabelecendo diferentes possibilidades de significação para o habitat humano, na consciência social. A noção de paisagem³ indica, por um lado, uma relação afetiva e de identificação entre a cultura de certa formação sócio territorial e a imagem do seu habitat, porque as coletividades humanas estão ligadas a certas partes do território, com certa

³ No mundo só existem paisagem se as parcelas do território são assim reconhecidas pela consciência e, portanto, o próprio reconhecimento de paisagens, ainda que estas sejam reconhecidas em áreas intocadas pela produção humana, é mediado pela cultura e assim o será tanto mais quanto essa paisagem seja produto do processo histórico humano.

configuração e imagem, de foram que cada coletividade possui na sua consciência coletiva a imagem de um território, ao qual se associa. Porém, por outro lado, também a palavra paisagem evoca uma percepção que remete às qualidades estéticas dominante de certas parcelas especiais do habitat, porque, na cultura ocidental, essa noção se constituiu associada a fenômenos estéticos. A noção de paisagem contém em si, portanto, a evocação do valor estético culturalmente dominante e também a evocação da particular identidade de um grupo social.

Seja uma réplica da estátua da liberdade colocada em frente a um shopping Center ou um casario sinuoso do século XIX, disposto de forma caprichosa ao longo de ladeiras sinuosas por onde desfila um vagaroso bondinho; sejam torres e arranha céus de vidro ultramodernos tendo como pano de fundo o árido terreno seco, ou um casario tradicional em madeira, onde se destacam muxarabis; seja silhueta de uma metrópole ou as precárias construções encarapitadas num morro, as quais se sobrepõe uma faixa pedindo paz, a paisagem constitui-se numa representação de identidade, que indica conteúdos de identidade e os desejos e possibilidades de uma identidade, frente às demais, no mundo. WOODWARD (2012) indica que processos de construção de identidade requerem “sistemas *simbólicos*⁴ de representação” que contribuam para demarcar as diferenças entre as identidades culturais. Nesse sentido, resgatando o pensamento de DURKHEIM, indica que “sem símbolos os sentimentos sociais teriam uma existência precária”.⁵

Nesse sentido as paisagens ganham valor para identidade e memória das formações sócio-territoriais (países, regiões, cidades), na medida em que seus significados são produzidos ao longo de um processo secular, por relação de uma formação sócio-territorial com um sítio geográfico; a sociedade transforma o território onde se instala, e a formação da imagem do lugar pelo trabalho e transformação social vai impregnando a imagem do lugar de significados que se associam às memórias coletivas. Nesses sítios o valor para a identidade cultural é, portanto, fruto de um processo histórico irreproduzível. HALBWACHS (2006) assinala as profundas relações que se estabelecem entre o território e a construções culturais que conformam a

⁴ Grifo da autora.

⁵ E acrescenta: “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos transformar. A representação, compreendida como processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos, nos quais se baseia, fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” (WOODWARD, 2012: 17 e 18).

memória, determinante para a construção de identidades. Poder-se-ia inclusive compreender, a partir da leitura de HALBWACHS (2006), a existência de um sentido social de territorialidade, associado à relação entre determinados grupos sociais e o território onde vivem. Na medida em que coletividades humanas se localizam em território determinado as identidades coletivas, terão no território, de forma direta ou indireta, elementos de referência.⁶

Por outro lado, a palavra paisagem evoca uma percepção que remete à qualidade estética de certas parcelas especiais do habitat. Se toda percepção que a consciência realiza do mundo é, de fato, mediada pela cultura, o recorte estético implícito na noção de paisagem, por si mesmo, torna ainda mais evidente essa mediação cultural. Nessa perspectiva estética, paisagem é tudo que se vê num certo enquadramento visual, mas nem tudo que se vê é paisagem, pois nem toda visão do território aparece aos olhos como obras de arte, mesmo quando essa paisagem tenha valor para a constituição de identidade social, como uma favela, por exemplo.⁷

Se, com uma ênfase estética, noção de paisagem pressupõe a escolha de certas partes e de certos olhares em detrimento de outros, uma seleção e valoração estética de uma parcela do mundo percebido pela visão, então a noção de paisagem pressupõe a escolha de certas partes e de certos olhares em detrimento de outros, uma seleção e valoração estética de uma parcela do mundo percebido pela visão. Assim, ideia de que a noção de paisagem implica uma constitui-se, muitas vezes, em uma referência que inclui ou exclui determinados grupos sociais.

Atuar sobre a paisagem implica, portanto, em realizar escolhas que intervêm sobre a relação entre os grupos sociais, na medida a forma como se constroem as identidades sé um elemento chave na constituição de hierarquias sociais. Consequentemente, é preciso considerar que, sob o argumento, implícito ou explícito, da melhoria da qualidade da paisagem, se colocam possibilidades de imposição de deslocamentos de referencias culturais das identidades sociais. Deslocamentos capazes de fortalecer e reproduzir hegemonias culturais.

Paisagem urbana e valorização imobiliária

⁶ Uma perspectiva especialmente importante para compreender as consequências culturais, de processos de segregação sócio-territorial, associados à urbanização.

⁷ Vale lembrar que a para a pintura paisagista, que ganha força a partir do renascimento, a composição se inicia com a escolha de um segmento de mundo que será representado do ângulo a partir do qual ele será representado, procedimento que estabelece o que é paisagem e o que não é.

Considerada essa dualidade é possível entender melhor o lugar da paisagem nos grandes projetos de renovação urbana contemporâneos. Se a paisagem é um elemento relevante das identidades sociais e se é cada vez mais recorrente, para promover a valorização imobiliária de uma área urbana, constituir e fortalecer uma relação de identidade e de desejo entre essa área e o público capaz de constituir a demanda efetiva à produção imobiliária nessa área, então a produção de paisagens atraentes aos setores de maior renda é uma estratégia relevante para os mercados imobiliários das cidades.

“A beleza se paga”. A frase cunhada por Agache, urbanista francês que elaborou o Plano do Rio de Janeiro, no final dos anos 20 do século XX, é mais atual que nunca. Com uma clarividência quase secular, Agache alertava para a importância da paisagem, se não por outro motivo, porque ela constituía um ativo econômico relevante. A questão da paisagem leva, portanto, a reflexão sobre a interface entre economia, cultura e o desenvolvimento das cidades, na contemporaneidade.

A valorização imobiliária de uma área urbana, como se pode observar na maior parte dos projetos urbanos contemporâneos pós-Bilbao, vem sendo acompanhada de uma valorização imagética dessa mesma área e nesse sentido, por exemplo, se o que deseja é um processo de gentrificação capaz de sustentar a valorização econômica, então parece natural que essa valorização imobiliária seja associada a elementos de paisagem que reportem a uma nova identidade que aproxime dos extratos sociais de maior renda. Se isso ocorrer, então mudanças na paisagem poderão favorecer a uma troca de público que viabilize essa valorização. Assim, mudanças na paisagem poderão favorecer a uma troca de público que viabilize essa valorização.

Com essa perspectiva, produzir paisagens, tem significado, em muitos casos, investir em projetos que tem por objetivo impregnar de uma estética marcante certas partes das cidades, Essas intervenções introduzem uma imagem esteticamente forte nos espaços urbanos e tem sido identificado por alguns autores como uma estratégia de city marketing.

Assim, as estratégias de valorização imobiliária passam então a incorporar, numa perspectiva de ordenamento estético que atropela as relações de identidade já constituídas, um processo de produção de paisagens urbanas associadas a signos próprios dos extratos de maior renda, que evoquem as referências da cultura dominante, tais como sustentabilidade, refinamento cultural, novidade tecnológica, o que tem sido feito com a introdução de edificações ícones e/ou através de projetos urbanos, elaborados por arquitetos de renome internacional.

Assim, se produz uma área como uma imagem capaz de evocar no imaginário social uma cidade que na sua aparência sugere ser possível a superação dos problemas da vida urbana contemporânea: poluição, embrutecimento cultural, insegurança, mesmice tecnológica; apesar da manutenção das mesmas relações, estruturas, processos e contradições sociais. Trata-se de produzir um imaginário “positivo”, alinhado com o que Harvey chamou de uma “utopia degenerada”⁸, utilizando o termo de Louis Marin, mediado pela paisagem produzida, no mundo real ou no virtual⁹, que mobilize recursos da coletividade e constitua novas relações de identidade entre os grupos sociais e as parcelas do território.

Utopia, imagem, imaginário, identidade

Cidade Olímpica e o Porto Maravilha parecem estar associados dentro de uma mesma perspectiva de construção de uma “utopia” para o Rio de Janeiro. Aqui cabe tomar a noção de utopia com o sentido que lhe dão Mannheim (1976) e mais recentemente Harvey (2004).

O futuro, mesmo não tendo existência tangível, tem uma existência real na consciência. Sonhos, desejos, projetos, planos representam a presença do futuro no presente. Assim, os elementos que constituem o futuro na consciência social são forças ativas do presente e a tensão entre a imagem do futuro na consciência e o presente tangível, cria uma força decisiva para a mobilização dos esforços sociais. Entre os elementos que constituem o futuro na consciência social estão as utopias.

Para Mannheim “quando a imaginação não encontra sua satisfação na realidade existente, busca refúgio em lugares e épocas desiderativamente construídos” e a questão que se coloca então para o pensamento crítico é “descobrir o momento em que as ideias situacionalmente transcendentais se tornam pela primeira vez ativas”. (1976: 229).

⁸ Harvey, ao analisar configurações urbanas e seu contexto social, político e econômico relativo ao processo de “revitalização” do Porto de Baltimore, EUA, propõe que alguns dos espaços resultantes deste processo evocariam utopias próprias. Em suas formas e organizações espaciais, eles convocariam imaginários e desejos de determinados grupos sociais em relação a um funcionamento desejado da sociedade onde vivem. Estes espaços evocam, portanto, utopias que o autor qualifica como “burguesas”, “yuppies”, “degeneradas”. Um dos exemplos deste tipo de utopia em ação, é a Disneylândia, “um espaço supostamente feliz, harmonioso e sem conflitos, apartado do mundo “real” “lá fora” com o objetivo de “aliviar” e “tranquilizar”, de divertir, de inventar a história e de cultivar sentimentos nostálgicos por algum passado mítico, antes de perpetuar o fetichismo da cultura da mercadoria do que de criticá-lo.” (Harvey, 2004: 220).

⁹ Na vida contemporânea, as tecnologias de informática tornaram tão importante, quanto à produção de paisagens reais, a produção de paisagens virtuais das áreas objeto de intervenção urbana.

Mannheim sugere ainda que as utopias estão vinculadas a extratos sociais particulares, específicos (1976: 230), permitindo concluir que as utopias são também elementos relevantes na formação das identidades dos grupos sociais, bem como de sua vontade e de sua ação. Nesse sentido afirma: “A estrutura interna da mentalidade de um grupo nunca pode ser mais claramente captada do que quando tentamos compreender sua compreensão do tempo à luz de suas esperanças, aspirações e propósitos.”(Mannheim, 1976: 233)

Tomado com esse sentido, o conceito de utopia se torna extensivo a todas as perspectivas sociais que se encontram incapazes de apresentar soluções objetivas para seus problemas no presente e, por isso, recorrem à construção de imagens ideais de um mundo que se realizará no futuro. Harvey fala em “utopias burguesas” (2004: 201). E em seguida acrescenta: “As utopias de modo geral recebiam uma forma distintivamente urbana, e boa parte daquilo que passa por planejamento urbano ou de cidades tem sido infectado (alguns prefeririam “inspirado”) por modalidades de utópicas de pensamento.”(Harvey, 2004: 207)

Essas afirmações parecem sugerir que Harvey busca apontar que, diante da impossibilidade de resolver os problemas que a cidade contemporânea, imagens da cidade ideal passam a ser produzida com o objetivo de alimentar o imaginário correspondente aos desejos “burgueses”, isto é, aos desejos das camadas sociais urbanas de maior renda.

“A maneira como nossa imaginação individual e coletiva funciona é, portanto, crucial para definir o trabalho da urbanização”. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre a produção concreta de imagens que vão alimentar o imaginário torna-se relevante para “enfrentar o utopismo oculto” (Harvey, 2004: 211), presente nos grandes projetos de intervenção urbana, como é o caso do projeto Porto maravilha.

A existência no mundo real de utopias imaginadas requer a produção concreta de representações visíveis dessa utopia. Assim, na medida em que a produção da paisagem, real e virtual, é um dos elementos relevantes da produção do imaginário e das identidades coletivas sobre certas partes do território da cidade, produzir paisagens é produzir referências para uma utopia urbana. A paisagem se constitui no vínculo concreto entre a utopia sugerida e a identidade do consumidor desejado. Refletir sobre a paisagem é, portanto, um dos caminhos para o desvendamento do utopismo oculto nas estratégias de marketing imobiliário na contemporaneidade.

Ao buscar compreender esses grandes projetos de intervenção urbana é preciso considerar que:

“A venda de um (...) lugar passa a ser ela mesma parte da arte da apresentação utópica. É nesse momento que ondas retóricas extraídas de utopias da forma espacial se combinam com ondas retóricas referentes ao utopismo do processo, para gerar as formas utópicas degeneradas e comercializadas que nos cercam por todos os lados.” (Harvey, 2004: 238)

Mas nesse processo, há que, no entanto, distinguir vendedores - aqueles que atuam ativamente no sentido de produzir expressões utópicas da cidade com objetivo valorizar e vender determinada área urbana - dos potenciais compradores que serão capturados com a expectativa de uma cidade livre dos problemas: poluição, insegurança, mobilidade truncada, marginalidade.

As camadas da paisagem no Porto do Rio

Ao tratar da paisagem urbana Cullen inicia com a indicação de que uma construção isolada remete, de logo, à arquitetura; “mas um grupo de construções imediatamente sugere uma arte diferente” (...) “A arte do relacionamento.” (Cullen, 1971: 1/10)

Pode-se entender que para que para Cullen a paisagem urbana se constitui na partir da relação entre elementos do sítio geográfico com o ambiente edificado pela sociedade, com suas edificações, espaços públicos e percursos, estes últimos com a responsabilidade de condicionar a percepção dinâmica da paisagem urbana. Com esse olhar pode-se entender que os significados das paisagens estão contidos no significado cultural dos seus elementos, mas também no significado que decore da relação desses elementos na paisagem: o significado de um elemento se modifica pela presença do significado do outro. Os elementos não são lidos isoladamente, mas sim a partir da sua relação. A paisagem é “relacionamento” sugere a leitura de Cullen.¹⁰

A significação da paisagem atual do Porto do Rio de Janeiro deve ser vista, portanto, a partir do resultado de camadas sobrepostas, através quatro séculos de uma história urbana. Uma história que não foi feita apenas de momentos gloriosos. Ali também

¹⁰ Um casario baixo é uma coisa; um casario baixo no meio do qual se destaca um arranha céu é outra coisa. Um casario antigo é uma coisa; um casario antigo no meio do qual se destaca um prédio futurista é outra coisa.

estão presentes imagens da resistência, expressão de revoltas, de dificuldades, de processos de dominação e exclusão social.

Considerando as diferentes morfologias presentes naquela área e sua significação cultural, grosso modo, é possível identificar dois grandes grupos de configurações de paisagem: as paisagens da Saúde e Gamboa, mais próximo ao Centro do Rio de Janeiro; e a paisagem do Santo Cristo, mais próximo à rodoviária e estação da Leopoldina. Em cada uma delas, as morfologias arquitetônicas e urbanísticas que se articularam, para constituir elementos significativos, que formatam predominâncias que dominavam a paisagem local.

Na área referente aos bairros de Saúde e Gamboa encontra-se o casario mais antigo, baixo, com o lote profundo, implantação urbana das casas na testada do lote e colada na divisa e traçado viário irregular cujo tipo morfologia arquitetônica é oriundo da arquitetura do período colonial e imperial. Essa morfologia predomina no Morro da Conceição, parcelas expressivas do Morro da Saúde e na área entre as ruas do Livramento e Rua Conselheiro Zacarias.

Imagens representativas do casario antigo.



Rua Leôncio Albuquerque olhando para o morro da Providência Foto Leonardo M. de Mesentier



Final da ladeira João Homem no Morro da Conceição Foto Leonardo M. de Mesentier

Separados desse conjunto pela Rua Sacadura Cabral, nessa trecho também está a estrutura morfológica que resultou da ampliação e da renovação do porto do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Ali estão grande armazéns em grandes lotes com uma conformação que remete as estruturas portuárias da cidade industrial, no início do século XX.

Paisagem que evoca a industrialização da primeira metade do século XX



Foto Clarissa Moreira



Foto Leonardo M de Mesentier

Costurando toda a área, ao longo da Avenida Rodrigues Alves encontram-se os armazéns do porto da cidade industrial cortados pelo ícone da paisagem urbana que resultou da cidade fordista, a Avenida Perimetral. Essa configuração da paisagem se estende até a área do Santo Cristo.

Avenida Perimetral



Foto Clarissa Moreira

Na área correspondente ao bairro do Santo Cristo o conjunto de armazéns tem como pano de fundo a mais antiga favela carioca, o morro de Providencia, com suas quebradas, vielas e escadarias ladeadas de casas, algumas tão antigas quanto os sobrados hoje preservados. Essa combinação domina a paisagem, onde se destaca o Conjunto Habitacional dos Marítimos¹¹.

Referencias da paisagem predominante na área do Santo Cristo.



Conjunto dos Marítimos - Foto Clarissa Moreira



Morro da Providência - Foto Leonardo M de Mesentier

Como um todo, o conjunto remetia a uma paisagem identificada com a vida portuária, com a moradia operária, com a cidade industrial e a cidade fordista. É precisamente a relação entre essa constituição de identidade cultural do lugar, a configuração morfológica e a paisagem resultante que está sendo reestruturada naquela região.

O processo de reestruturação da paisagem no Porto Maravilha

O processo, em curso, de reapropriação da paisagem urbana e de seu significado baseia-se na combinação da remoção da Av. Perimetral, com a inserção da via Binário, do VLT, de Museus, do Aquário, e ainda na resignificação do casario antigo, recuperação do estado de conservação física de alguns edifícios históricos importantes, sem que se possa esquecer que a simples produção das novas calçadas com desenho urbano bem definido – claro e luminoso - produz uma nova imagem do lugar. A esses elementos se adicionam ainda baseada na inserção de grandes estruturas de design moderno como o teleférico, que servirá ao Morro da Providência.

¹¹ Projeto do Arquiteto Firmino Saldanha, que, datando de 1955, representou no passado a utopia da superação da condição habitacional existente então no Morro da Providência.

Não se pode deixar de mencionar a instalação temporária do centro de visitação high-tech, que trabalha como um difusor desta transformação a pleno vapor, onde se localiza a exposição “Meu Porto Maravilha”.

Neste processo, a cidade antiga preservada, desde os anos 1980 no caso do Porto, está sendo reapropriada e resignificada. O processo de resignificação, acompanhando o que aconteceu com a Lapa, já vinha acontecendo nas proximidades da Praça Mauá, tendo como eixo a Rua Sacadura Cabral, até o encontro da Rua Camerino. Nessa área, na última década, já vinham ocorrendo rodas de Samba, na Pedra do Sal, e ensaios de blocos, no Largo de São Francisco da Prainha, se implantando casas de show, bares, hotéis, inserindo estes bairros antes populares em novas dinâmicas turísticas.



Prédios recuperados na Rua Sacadura Cabral

Foto Clarissa Moreira



Pedra do Sal

Foto Leonardo M de Mesentier

Nesse processo, a área deixou de ser vista, como uma área exclusivamente ligada ao trabalho e a habitação de baixa renda, para ganhar uma identidade de área de lazer alternativo na cidade e ao ser associada às atividades de cultura, as mudanças na paisagem começam a se refletir sobre o uso do solo. Nesse sentido, vale indicar que no Morro da Conceição, em muitas casas, antes residenciais, agora surgem ateliês de artistas, que em certas datas abrem suas portas á visitação.¹²

¹² A semelhança do projeto “Santa Teresa De Portas Abertas”, que se desenvolve desde 1995, no bairro de Santa Teresa, com uma grande mostra de artes visuais, quando artistas residentes no bairro abrem as portas de diversas galerias, ateliês e espaços culturais á visitação.

A nova presença da arte no Morro da Conceição



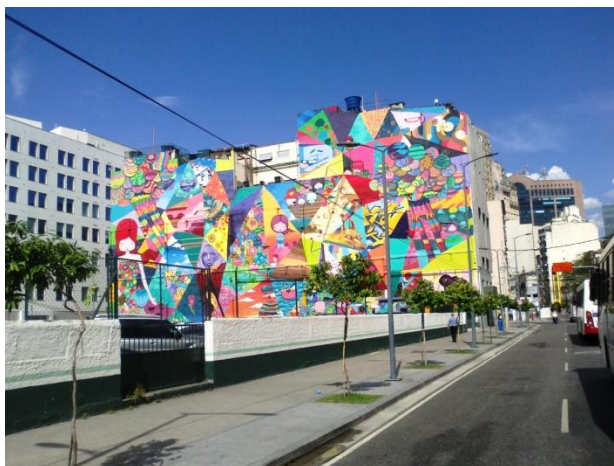
Fotos Leonardo M de Mesentier



Essa tendência ganha um novo caráter, na medida em que a implantação de centros culturais, que implicam m novo uso do solo e paisagem, e o novo tratamento dos espaços urbanos redefine a imagem da área no contexto da cidade, modificando a identidade social do território.



Tratamento de empena na Sacadura Cabral



MAR

Fotos: Leonardo M de Mesentier

Museu de Arte do Rio de Janeiro

A cidade antiga, ainda predominantemente residencial, está tendendo se tornar uma espécie de um bairro de lazer cultural, com finalidade turística. O ir e vir dos moradores, marinheiros e demais profissionais portuários de antes dá lugar a presença das camadas de maior renda e turistas, que desembarcam de transatlânticos, cujas imagens se misturam a das edificações.



Vista do Morro da Conceição

Foto Leonardo M de Mesentier



Vista da Av. Barão de Tefé

Foto Leonardo M de Mesentier

Esse processo de reconstrução da imagem do lugar já se estende a Avenida Barão de Tefé também foi remodelada. Além do tratamento urbanístico do espaço público a partir das escavações arqueológicas que revelaram os antigos Cais do Valongo e Cais da Imperatriz, que agora integram a praça, o significado cultural do lugar foi fortalecido de significação histórica e cultural.¹³



Avenida Barão de Tefé

Cais do Valongo e Cais da Imperatriz

Fotos Leonardo M de Mesentier



A praça é ainda hoje lugar de uma sociabilidade «resistente», que esteve muitas vezes presente nesta região, um dos últimos bastiões da moradia popular no centro, representativa de um processo urbano difícil, mas único. Agora, já ali se podem ver ensaios de blocos de classe média, bem como a presença das classes médias (principalmente dos jovens) de toda a cidade, nos blocos populares da região. Nesse

¹³ O Cais do Valongo está associado ao uso da região do valongo quando para comércio de escravos a partir do século XVIII. Foi substituído pelo Cais da Imperatriz no século XIX. Pelo Cais passaram cerca de um milhão de africanos, segundo historiadores.

lugar, a perspectiva de gentrificação deve ainda se acentuar ainda se a prometida transformação dos edifícios do Moinho Fluminense em Shopping Center vier a ocorrer.



Novo tratamento da fachada do prédio do Moinho Fluminense – Fotos Leonardo M de Mesentier

No limite entre os bairros da Gamboa e do Santo Cristo está sendo instalado o teleférico, com estação e estrutura com desenho moderno, que se apresenta como elemento de mobilidade urbana, mas que, por outro lado, se trata de um equipamento com forte interferência na paisagem porque, por um lado, cria a imagem de uma favela “modernizada” e, por outro lado, cria um percurso novo, inclusive com grande apelo turístico.

Teleférico sobreposto à paisagem da favela.



Foto Clarissa Moreira

Foto Leonardo M de Mesentier

Na área do Santo Cristo, as transformações fundamentais na paisagem decorrem das alterações nas perspectivas de visão da paisagem, decorrentes do desvendamento

resultante do aumento da amplitude dos ângulos de visão, combinado aos novos percursos produzido pela implantação da via Binário e pela remoção do elevado da Av. Perimetral, com a presença virtual do VLT e a já efetiva presença de grandes empreendimentos imobiliários.

Paisagens resultantes da abertura de via Binário.



Igreja de Nossa Senhora da Saúde

Foto Leonardo M de Mesentier



Futuro Aquário do Rio de Janeiro

Foto Leonardo M de Mesentier

A paisagem utópica do Porto Maravilha

Assim, se processa a desconstrução da paisagem considerada «desqualificada» ou «decadente» em nome de uma nova paisagem criada, está sim «up to date» e portadora dos signos e símbolos prezados no âmbito da valorização imobiliária.

Poderíamos assim nos perguntar de onde vêm os valores de paisagem dominantes e porque segui-los. A quem agradam e por quê. Parece-nos se tratar de um processo de reprodução de um espaço e de uma paisagem internacionais associados a valores como competitividade, segurança, prosperidade, controle, limpeza, e, no caso específico do Brasil, «novidade». Estes valores são dominantes em todo o mundo capitalista, e talvez por isso os espaços de que contemporaneamente tem sido objeto de intervenções que prometem “revitalização” se pareçam tanto, pois pertencem, inexoravelmente, ao mesmo modo de produção não só do espaço urbano, mas também de identidade e desejos.

A nova imagem e espacialidade propostas para o Porto Maravilha e seus efeitos na transformação da paisagem são similares ao que resultam daquilo que se poderia chamar «tendência internacional» de busca da utopia «de cidade global competitiva». A hipótese é a de que a produção da paisagem na área portuária vem confirmar e dar materialidade à sugestão de uma «utopia» de um Rio de Janeiro inscrito no quadro das cidades competitivas globais, o que seria favorecido pela agenda excepcional de megaeventos na cidade (Copa, Olimpíadas, JMJ, etc). A constituição de um imaginário social a partir dessa “utopia” seria passível de justificar investimentos públicos vultosos que priorizam interesses específicos e que excluem outros.

Essa paisagem, que resultará das intervenções do “Porto Maravilha”, representa a estratégia de apropriação, pelo mercado imobiliário local e internacional, deste lócus (lugar) através da produção de uma paisagem destituída de muitos dos significados que o processo histórico lhe deu, com elementos reapropriados de forma a expressar valores culturais dominantes, para, desse modo, torná-los vetores ativos no processo geral de valorização¹⁴.

Nesse caso específico, ela sequer é produzida dentro do star system internacional, a não ser por alguns edifícios ícones, mas segue uma receita genérica de espaços urbanos «retomados», em geral das populações mais pobres que aí habitam, ou então, de espaços industriais, em sua maioria, considerados sem interesse histórico-cultural. De um modo geral, se percebe um processo de «pacificação» higienista e

¹⁴ A rota turística do escravo, por exemplo, é reconstituída na perspectiva de uma identidade internacionalizante-internacionalizada. Como resistirão a esse processo, lugares como o Instituto dos Pretos Novos, ponto de resistência e conscientização, claro depositário dos horrores da escravidão- serão estes pouco a pouco inscritos numa lógica de turismo e entretenimento, no momento mesmo em que o racismo volta a ser debatido fortemente no Brasil? Como estão sendo tratados, por exemplo, os bisnetos e tataranetos de africanos escravizados, ainda moradores do local, muitos deles ainda hoje no Morro da Providência – ameaças de remoção, incertezas, medo, num passado que ao ser apagado tem a estranha propriedade de nunca cessar de atormentar.

homogeneizante da paisagem, que corresponde ao que é feito em relação ao próprio tecido social. Neste sentido, se pode falar de um duplo ataque desta criação de paisagem dominante: não só a paisagem é capturada e reprogramada, mas também o tecido social.

É neste quadro que Harvey, apesar de compreender bem os riscos e “degenerações” possíveis do pensamento utópico, se alinha a outros autores para afirmar a necessidade de se imaginar outros possíveis caminhos para a sociedade em que vivemos. Nesse quadro indaga sobre as chances de se “revitalizar” a tradição utópica transformadora, buscando vencer alguns limites do tempo presente. Face à desigualdade social e urbana predominante no mundo atual, o autor aponta e discute as condições de construção de outras utopias, que não aquelas baseadas na perpetuação do sistema hoje dominante. Uma utopia verdadeiramente transformadora para o Porto, hoje, implicaria numa ação que levasse ao não apagamento ou exclusão dos extratos de história, afetivos e bem vivos, ainda persistentes. A começar pela sua população residente, com sua história e suas paisagens afetivas, que necessita ser tornada, urgentemente, ator principal e protagonista de todo o processo – e não público coagido ou seduzido pela espetacularização do lugar; ou combatido, em caso de resistência, como inimigo do suposto “desenvolvimento”.



Propaganda das obras do Museu do Amanhã, na Praça Mauá.

Foto: Leonardo M de Mesentier



Centro Cultural José Bonifácio, na Rua Pedro Ernesto.

Foto: Leonardo M de Mesentier

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. "O poder simbólico." (10ª ed) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades – uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

COSGROVE, Denis. "**A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.**" In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Paisagem, tempo e cultura." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Paisagens, textos e identidade." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Paisagem, imaginário e espaço." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Benhur Pinós da. "**As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica.**" In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Geografia: temas sobre cultura e espaço." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

HALBWACHS, Maurice. "A memória coletiva." São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. "Espaços da esperança." São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HAESBAERT, Rogério. "**Identidades territoriais.**" In: . In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Manifestações da cultura no espaço." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HOLZER, Werther. "**Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo.**" In: . In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSEBDAHL, Zeni (org.). "Manifestações da cultura no espaço." 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

KARA-JOSÉ, Beatriz. "Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo" São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007

LARAIA, Roque Barros. "Cultura: um conceito antropológico." Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

MANHEIM, Karl. "Sociologia da cultura." São Paulo: Perspectiva/Ed. USP. 1974

MANHEIM, Karl. “ideologia e Utopia”. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976

MESENTIER, Leonardo Marques de. “***A natureza política do patrimônio cultural.***”
In: FRADE, Catia [et al.] (org.) “ Políticas públicas do Estado do Rio de Janeiro: 2009”.
Rio de Janeiro: UERJ – Decult, 2012

RIBEIRO, Rafael Winter. “Paisagem Cultural e Patrimônio.” Rio de Janeiro:
IPHAN/COPEDOC. 2007

SANCHEZ, Fernanda. “A reinvenção das cidades para um mercado mundial.”
Chapecó, SC: Argos, 2003.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”
In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(org.) “Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos
culturais ” Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2012.